



DA LITERATURA SIMBÓLICO-IMAGÉTICA À EXTINÇÃO DOS BOTOS NA AMAZÔNIA

SOARES¹, Artemis de Araújo; **SOUZA²**, Antonio Carlos Batista de; **SILVA³**, Ana Paula Bastos da; **RESENDE⁴**, Rosane de Almeida.

Resumo

A literatura amazônica foi construída dentro de um espaço mítico. Do olhar dos conquistadores e dos naturalistas emergiu um universo fantasioso. Sobre o geográfico-cultural sobressaíram os devaneios que construíram as primeiras figuras básicas de um imaginário idílico: as Amazonas, o Eldorado e o Maligno. Construídos e reconstruídos na força da oralidade, a cultura amazônica desde a chegada dos primeiros navegantes apresentou uma discursividade delirante sobre a água e a floresta. Nessa simbiose de inferno e paraíso emergiram as lendas contadas de geração a geração como a lenda do boto, com o poder de se metamorfosear, seduzir e engravidar as jovens. Mas esse universo de encantamento choca-se cada vez mais com a modernização. O imaginário se fragmenta. Esse choque com a modernidade introjeta na Amazônia outra visão de mundo ao considerar o poder do pajé, a panema, os contos e lendas como superstições que devem ser descartadas na busca do conhecimento verdadeiro. Essa ruptura com o presente está diretamente relacionada com o avanço do protestantismo à visão de mundo católica fragilizando e tencionando esse tradicional modo de vida. Além de afirmar que um conjunto de crenças relacionadas ao ambiente encantado está sendo perdido na conversão, objetiva-se compreender o mais recente comportamento territorial na Amazônia, caracterizado pela matança de botos utilizados como iscas para a pesca de espécies de peixe liso como a piracatinga. Estudos demonstram que a população de botos na região caiu pela metade nos últimos dez anos devido à caça predatória. A metodologia para a construção desse artigo fez uma análise bibliográfica das obras clássicas e contemporâneas que registraram o simbolismo e a tradição oral do universo amazônico. Posteriormente a partir de uma análise documental, de forma qualitativa e quantitativa, comparar as múltiplas realidades que estão entrando em conflito no interior da floresta. Modos de vidas e visões divergentes que podem estar contribuindo para o extermínio dos botos.

Palavras- chave: literatura amazônica; lenda do boto; extinção do boto; ecolinguística.

Abstract

Amazonian literature was built within a mythical space. From the look of the conquerors and the naturalists emerged a fanciful universe. On the geographic-cultural stood out the daydreams that constructed the first basic figures of an idyllic imaginary: the Amazons, the Eldorado and the Malignant. Constructed and reconstructed in the force of orality, the Amazonian culture since the arrival of the first navigators presented a delirious discursivity on the water and the forest. In this symbiosis of hell and paradise emerged the legends told from generation to generation as the legend of river dolphin, with the power to metamorphose, seduce and impregnate the young women. But this universe of enchantment clashes more and more with modernization. The imaginary fragments. This clash with modernity introduces

¹ Doutora, Universidade Federal do Amazonas - UFAM, E-mail: artemissoares@yahoo.com.br

² Mestre, Instituto Federal do Amazonas - IFAM, E-mail: antonio.souzaifam@gmail.com

³ Graduanda, Faculdade Metropolitana de Manaus – FAMETRO, E-mail: ana.bastos24paula@gmail.com

⁴ Especialista, Universidade Federal de Roraima - UFRR, E-mail: rosaneenfermagem@hotmail.com

another view of the world in the Amazon when considering the power of the Shaman, the panema, tales and legends as superstitions that must be discarded in the search for true knowledge. This rupture with the present is directly related to the advance of Protestantism to the Catholic worldview by weakening and stressing this traditional way of life. Besides affirming that a set of beliefs related to the enchanted environment is being lost in the religious conversion, it aims to understand the most recent territorial behavior in the Amazon, characterized by the killing of river dolphins used as baits for the fishing of smooth fish species such as piracatinga. Studies show that the river dolphins population in the region has fallen by half in the last ten years due to predatory hunting. The methodology for the construction of this paper will make a bibliographical analysis of the classic and contemporary works that registered the symbolism and oral tradition of the Amazonian universe. Posteriorly, from a qualitative and quantitative documentary analysis, to compare the multiple realities that are coming into conflict inside the forest. Ways of lives and divergent views that may be contributing to the extermination of river dolphins.

Keywords: Amazonian literature; legend of the river dolphins; extinction of the river dolphins; ecolinguistics.

1. Introdução

História, lenda e crença são transmitidas através de gerações. As lendas estão diretamente relacionadas com acontecimentos misteriosos e sobrenaturais. Vem da Idade Média sua origem etimológica com o significado de “aquilo que deve ser lido”. Dos vários conceitos para lenda, o folclorista Câmara Cascudo descreve-a como:

Episódio heróico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letreada, lenda, legenda, ‘legere’, possui características de fixação geográfica e pequena deformação. Liga-se a um local, como processo etiológico de informação, ou à vida de um herói, sendo parte e não todo biográfico ou temático. Conserva as quatro características do conto popular (*marchem, folk-tale*): Antiguidade, Persistência, Anonimato, Oralidade. Os processos de transmissão, circulação, convergência, são os mesmos que presidem a dinâmica da literatura oral. É independente da psicologia coletiva ambiental, acompanhando, numa fórmula de adaptação, seus movimentos ascensionais, estáticos ou modificados. Muito confundido com o mito, dele se distancia pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central, com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço (CASCUDO, 1972, p. 511).

Nesse universo de coisas imaginosas, a lenda emerge a partir de uma narrativa popular oralmente transmitida e, fortemente inter-relacionada com a tradição. O lendário brasileiro é uma fusão das lendas indígena, negra e europeia. Ditos que as pessoas repetem, de uma sabedoria de autor sem nome (BRANDÃO, 1982). A título de exemplo, a lenda da Mãe d’Água seria uma fusão da indígena Iara, da africana Iemanjá e da mitológica sereia, habitante dos oceanos que seduzem os navegantes com o seu canto.

Corroborando com a afirmativa acima, a escritora Nilza Megale no livro Folclore Brasileiro destaca que:

No Brasil as lendas podem ser classificadas em litorâneas e da Zona Central. A vizinhança do mar traz maior liberdade para fantasias, dá aos pescadores a intimidade com as estrelas, com o sol e com o fundo do mar. Na Zona Central os contos e as lendas versam sobre estórias do boi, do cavalo, dos bichos em geral, assim como dos rios secos e dos tesouros escondidos (MEGALE, 1999, p. 50).

As lendas amazônicas agregaram, de certa forma, o imaginário idílico regional num suprassumo representado pelo mito das Amazonas, o Eldorado e a onipresença do Maligno (Pizarro, 2012). É importante que se ressalte que o diabo é grande personagem de lendas, porque, embora ele não seja personagem histórica, simboliza a luta entre o bem e o mal e, de acordo com a sabedoria popular, nas estórias o demônio sai sempre derrotado (MEGALE, 1999).

Usadas para justificar fatos e acontecimentos, lendas são manifestações da cultura de um povo. São a síntese da tradição oral de cada lugar, irmanadas em três pilares intrínsecos: tradição, folclore e mito (REIS, 2008). Intrínsecos e complementares. Considere-se, ainda, que:

As lendas versam sobre a história, a geografia e a religião, entre outros campos do conhecimento, mostrando, a cada momento, uma enorme interseção da lenda com o mito. Pelo exposto é notório o campo interdisciplinar tanto da lenda como do mito, pois ambos pertencem a campos científicos múltiplos. Na nossa suposição, as lendas, os mitos e os causos/contos são indivisíveis, uma vez que um outro tanto crescem na imaginação popular, que as fantasias e os mistérios que conservam suas realidades, nas últimas versões, aparecem inteiramente deformados, mutilados e desvirtuados da existência, implicando em um novo cenário, numa falsa realidade. A quem apregoa ser a lenda, assim como o mito, produções doentes da própria linguagem. Dessa maneira, podemos creditar à Linguística, dentre as suas variações, a responsabilidade pela difusão dos fenômenos míticos (REIS, 2008, p. 30-31).

Nesse véis interdisciplinar, encontramos nos registros de Brandão (1982, p. 35) uma observação inerente ao debate proposto, ao asseverar que:

Do ponto de vista rigoroso, são propriamente folclóricas as toadas, cantos, lendas, mitos, saberes, processos tecnológicos que, no correr de sua própria reprodução de pessoa a pessoa, de geração a geração, foram incorporados ao modo de vida e ao repertório coletivo da cultura de uma fração específica do povo: pescadores, camponeses, lavradores, bóbias-frias, gente da periferia das cidades. Mas, de um ponto de vista mais dinâmico, o folclore pode abrir-se a campos mais amplos da cultura popular (a cultura feita e praticada no cotidiano e nos momentos ceremoniais da vida do povo, ou dos diferentes *povos* que há no povo) e incorpora aquilo que, sendo ainda de um autor conhecido, já foi coletivizado, incluído no “vivido e pensado” do povo, às vezes até de todos nós, gente “erudita” cuja vida e pensamento estão, no entanto, tão profundamente mergulhados nesse ancestral anônimo que nos invade o mundo de crenças, saberes, falares e modos de viver.

Nessa abordagem deparamo-nos com a análise de Marisa Lajolo e uma importante consideração, pois na visão dessa autora:

Quando o homem não era mais símio, mas ainda não era completamente humano, no começo de tudo, ele se maravilhou com a linguagem. Foi através dela, talvez naquele tempo limitada a ruídos muito primitivos, ainda próximos do grito animal,

que suas coisas ausentes se fizeram tão presentes como se nunca passaram. O que

era remoto e perigoso tornou-se familiar e amoldou-se à dimensão humana. Bichos, plantas, rios e montanhas receberam nomes. Foram reproduzidos em desenhos, foram simbolizados por sons e sinais gráficos. Completou-se a transformação: o homem não era mais um ser entre outros seres, mas o ser capaz de simbolizar todos os outros. E, nessa faculdade de simbolização, estava latente a possibilidade de conhecimento e domínio (LAJOLO, 1986, p. 33).

Adentrando no universo das lendas brasileiras, em Amostra do Populário Maranhense, José Ribamar Sousa dos Reis destaca o esmero trabalho do folclorista Antônio Perdigão ao esquematizar as lendas mais populares do Brasil por regiões. A tabela 1 apresenta-nos o resultado desse levantamento:

Tabela 1- As lendas mais populares do Brasil por regiões

Região	Lendas
Norte	Boto, Muiraquitã, Origem do Pirarucu, Vitória-Régia, Saci Pererê, Boitatá, Mapinguari, Origem do Peixe-Boi, Capelobo, Caipora e Curupira, Lobisomem, Origem da Mandioca, Mula-sem-cabeça, Onça Maneta, Onça-boi, Origem da Lua, Iara, Origem do Guaraná, Origem do Sol, Diabinho da Garrafa, Cuca, Bicho-papão, Matina Peréra e Cobra - Honorato.
Nordeste	Vaqueiro Misterioso, Mula-sem-cabeça, Negro d'Água, Cabra Cabriola, Quimbungo, Diabinho da Garrafa, Lobisomem, Cuca, Saci Pererê, Capelobo, Origem da Mandioca, Caipora e Curupira, Bicho-papão, Cabeça-de-cuia, Bicho-homem e Alamoia.
Centro-Oeste	Saci Pererê, Negro d'Água, Caipora e Curupira, Onça-maneta, Arranca-línguas, Onça da Mão Torta, Cuca, Lobisomem, Diabinho da Garrafa, Bicho-papão, Mula-sem-cabeça e Mãe-do-ouro.
Sudeste	Onça Maneta, Procissão das Almas, Bicho-papão, Mão de Cabelo, Lobisomem, Caipora e Curupira, Cuca, Saci Pererê, Mula-sem-cabeça, Negro d'Água, Quimbungo, Diabinho da Garrafa e Porca dos Sete Leitões.
Sul	Saci Pererê, Negrinho do Pastoreio, Bicho-papão, Caipora e Curupira, Procissão das Almas, Cuca, Mula-sem-cabeça, João de Barro, Gralha Azul, Mão de Cabelo, Pé-de-garrafa, Lobisomem e Diabinho da Garrafa.

Fonte: Reis, 2008 (adaptado).

Analizando a tabela 1 com a coletânea das inúmeras lendas que povoam o imaginário brasileiro, algumas curiosidades vêm à tona. Aquilo que de início pode parecer banal. A lenda do Diabinho da Garrafa está presente em todas as regiões. Mas a lenda do Boto, da Vitória Régia e do Boitatá encontram-se, em destaque, uma única vez, na região Norte. Seriam essas lendas genuinamente amazônicas?

Mas em diversas regiões praianas maranhenses, as comunidades têm os maiores cuidados com o aparecimento dos botos conquistadores. Conta-se que, em determinado dia do ano, onde existe habitat de botos, essa espécie marinha se disfarça em ser humano, homens jovens e louros, fantasiados com chapéu de fitas coloridas, e sai para conquistar as mulheres praianas virgens e bonitas. Tornam-se rapazes falantes, elegantes e, rapidamente, conquistam as mulheres, presenteando-as com brilhantes, jóias e sedas raras. Quando as mulheres se dão conta, já estão grávidas e as pobres se danam a chorar e a se maldizer enquanto os danados

dos botos, dentro d'água, se alargam a dar risadas, dando vida a mais algumas belas mulheres desvirginadas (REIS, 2008).

Elaborando uma descrição sobre o tema, o estudioso da cultura paraense Ararê Bezerra apresenta-nos a seguinte análise:

Nos mitos e lendas da Amazônia vamos encontrá-los com características regionais mesmo sendo GERAIS, dependendo do grupo étnico e da influência dos imigrantes a esta região. Como exemplo podemos citar: o Curupyra que no nordeste é conhecido como CAAPORA e anda em um porco branco, grande, à frente da vara de Caititús. O lobisomem, em outras regiões é visto como lobo, e na Amazônia como porco ou onça. Sofrem a influência sem entretanto perderem as suas características (BEZERRA, 1985, p. 15).

Tradição, folclore ou mito, o boto criação de um mundo imaginoso e fantasista pouco a pouco começa a perder a redoma protetiva de um delírio crônico. Uma realidade que se queria definitiva, teve sua hora e sua vez (LAJOLO, 1986) porque o mais recente comportamento territorial na Amazônia caracteriza-se justamente pela matança de botos utilizados como iscas para a pesca de espécies de peixe liso como a piracatinga (*Calophysus macropterus*).

2. Não mais um mito, apenas um cetáceo

Na busca desse nexo causal dois eventos aparentemente distintos e, à primeira vista, dissociados podem estar na gênese/hipótese da ação predatória sofrida pelos botos mortos e esquartejados para servirem de isca para a pesca dessa espécie de peixe liso: (1) uma mudança de paradigma ocasionado pelo avanço do protestantismo dentro das comunidades tradicionalmente católicas e (2) a pressão da pesca comercial sobre o ambiente aquático amazônico.

Para além de uma transformação socioeconômica objetiva-se na análise desse estudo relacionar as transformações culturais que vêm ocorrendo na Amazônia, fruto de novas territorialidades religiosas.

Pouco a pouco esse universo de encantamento choca-se cada vez mais com a modernização. O imaginário se fragmenta. Essa ruptura com o presente está diretamente relacionada com o avanço do protestantismo à visão de mundo católica fragilizando e tensionando esse tradicional modo de vida, pois:

O protestantismo ameaça toda existência e o movimento histórico do meio de vida rural. A conversão exige uma ruptura radical em relação ao presente. Especifica uma série de mudanças na vida pessoal e no comportamento corporal, tais como quais alimentos podem ser consumidos, que roupas podem ser usadas, a proibição em relação a bebidas, ao cigarro, ao adultério, a brigas e festas católicas. A participação

na maior parte dessas atividades é essencial para a vida cotidiana, conforme percebido pelos católicos. O que também é perdido na conversão é o conjunto de crenças associadas ao ambiente encantado. Os protestantes consideram as histórias sobre o boto e outros seres (a cobra grande etc.), o poder do pajé, a panema, e assim por diante, como superstições que devem ser descartadas na busca pelo conhecimento verdadeiro. Todos estes elementos integram a visão de mundo católica (HARRIS, 2006, p. 97).

No processo de “fusão” cultural e social do caboclo, herdeiro de uma cultura afro-ameríndia fora-lhe ensinado a temer e evitar os seres e bichos visagentos:

Os bichos visagentos não recebem qualquer culto ou devoção. A atitude do caboclo é de evitá-los tanto quanto possível ou de recorrer a técnicas de imunização ou de neutralização de seus poderes malignos. Os santos, ao contrário, recebem culto e deles o caboclo se aproxima através de orações, de promessas e de atos festivos. Acredita-se que protejam a comunidade e o indivíduo (GALVÃO, 1955).

A Igreja Católica ao longo de séculos conseguiu manter uma presença estratégica na região com um catolicismo popular simbolizado pelas festas de santo, novenas, rezas de terço, ladainhas e procissões.

Contudo, como afirmado, o avanço do protestantismo na região chega questionando dogmas e crenças e, de certa forma, a estrutura socioeconômica.

Aquela estrutura religiosa extremamente unificada ou homogênea, responsável pelo surgimento das comunidades católicas começa a passar por um processo de confronto e “desintegração”. Concomitantemente, as técnicas primitivas de exploração dos meios específicos ao ambiente amazônico começam a sofrer rupturas provocadas pelas forças econômicas e sociais que penetraram no vale, vindas de fora, produziram mudanças no passado operando no presente. As instituições religiosas das pequenas comunidades sofreram igualmente a influencia desses agentes, tal como o resto da cultura (GALVÃO, 1955).

Assim, os avanços tecnológicos na pesca ocorrem simultaneamente com o crescimento da população urbana das cidades amazônicas e, por conseguinte, do aumento da demanda por peixe. As exportações de peixes para os mercados nacional e internacional, sobretudo os peixes de couro/liso, principalmente a partir da década de 1980, impulsiona ainda mais essa demanda (McGRATH, 1993).

Essas transformações que estão mudando radicalmente as formas de manejo, causando uma maior pressão sobre o estoque de pescado resultam muito além de uma transformação cultural e socioeconômica. Perpassa a mudança espacial provocada pela chegada dos barcos motorizados, do aparecimento da malhadeira, ou dos conflitos nos lagos representados pelos pescadores tradicionais versus os pescadores profissionais embarcados.

Nasce a suposição que o avanço da pesca comercial e, por conseguinte, da instalação de frigoríficos em busca, preferencialmente, do peixe liso tem uma relação direta com o “sumiço” da fé nos santos, e a perda do medo nas “visagens”. Que o imaginário não tem o poder que lhes é atribuído. Que tais crenças entram em choque com a Bíblia Sagrada. Que a iara mãe d’água, o jurupari, o mapinguari e o curupira não têm o poder de vingar-se daqueles que pescam ou caçam por lucro ou ganância.

E, no caso em questão, que o boto, malicioso e temido, com poderes sobrenaturais de se metamorfosear em humano, que seduz a donzela do lugar, e que por isso sempre fez parte do imaginário caboclo não tem, jamais tivera, os poderes que nossos pais e avós, de geração a geração nos contaram. De certa forma, uma ruptura ao que constatara Eduardo Galvão, ao descrever que:

As crianças aprendem desde cedo a comportar-se diante das visagens para não atrair a sua malignidade. Os casos e as descrições dos sobrenaturais “encantados” como os companheiros de fundo ou os botos, bichos visagentes, curupiras e anhangas, acentuam as concepções básicas que definem as relações entre estes seres e o homem. Todos os bichos são malignos como no caso dos botos ou dos curupiras. Essa maneira de encará-los diferencia-os radicalmente dos santos católicos, criaturas benévolas. Os bichos visagentes dominam ou controlam um setor do ambiente natural, a mata e os rios. São como entidades protetoras que guardam a natureza contra sua depredação pelo homem. Nada acontece ao indivíduo que mata um ou outro animal, ou que de qualquer maneira se utiliza dos recursos naturais à sua disposição, mas quando chega ao abuso as consequências são más para o indivíduo. O caçador que não segue a mesma trilha dia após dia, ou o pescador que evita frequentar repetidamente o mesmo pesqueiro, definem as atitudes apropriadas. Em segui-las está a garantia contra a malineza (GALVÃO, 1955, p.109).

O catolicismo é a religião com mais adeptos no Amazonas. Numa proporção de 59,5% de católicos e de 31 % de evangélicos. Todavia, o censo demográfico de 2010 mostra que se consolidou o crescimento da parcela da população que se declara evangélica. Relativamente no Amazonas em 2000 os católicos eram 70,8%, passando a representar em 2010, 59,5%. Por outro lado, os evangélicos passaram de 21% para 31% no mesmo período. Na Região Norte foi onde ocorreu a maior redução relativa dos adeptos do catolicismo.

O avanço da população evangélica dentro do universo católico perpassa muito além de uma mudança censitária. Rompem-se, aos poucos, os pilares das comunidades tradicionais fundadas na década de 1970 pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEB). Coincidência, ou não, a pressão da pesca comercial na busca das espécies de peixe liso começaram a ocorrer justamente a partir desse período. Bem como as primeiras denúncias de matança de botos utilizados como isca para a pesca da piracatinga.

Transformações “orquestradas pela fé” que podem estar na contramão daquilo que se entende por comunidades tradicionais, pois um aspecto importante na sua definição estaria o respeito aos ciclos naturais, nunca explorando os recursos além do limite de sua capacidade de recuperação.

3. Na fauna ameaçada o boto não constava

Construindo essa elocução, numa referência não muito distante, encontramos em Djalma Batista, já nas décadas de 1960 e 1970, o registro de inúmeras espécies da fauna amazônica ameaçadas por servirem à alimentação humana ou por terem suas peles e couros considerados valiosos no mercado internacional:

Dentre os bichos ameaçados de extinção está em primeiro lugar o peixe-boi. Caçados a arpão os peixes-boi não puderam resistir ao furor predatório. Os quelônios, e especialmente a tartaruga constituíram sempre o pitéu por excelência da cozinha amazônica sofrendo uma tenaz perseguição. Dos répteis, o mais perseguido tem sido o jacaré-açu, contra o qual se organizou uma verdadeira campanha de erradicação (BATISTA, 2007, p. 224-228).

Especificamente sobre os jacarés, acreditava-se que, com a eliminação em massa desse réptil temido aumentar-se-ia a quantidade de peixes na Amazônia, mas o que se viu foi um desequilíbrio ecológico, pois:

Enquanto os jacarés comiam peixes, especialmente os peixes carnívoros, vindo em primeiro lugar as piranhas, diminuíam esses vorazes inimigos dos outros peixes: além disso, os sáurios eliminavam fezes, urina, e morriam, com o que adubavam as águas. Diminuindo ou desaparecendo um elo da cadeia, predominou o outro elo, representado pelas piranhas e demais peixes carnívoros. E assim se comprehende porque não aumentaram, com ataque feroz aos jacarés, os estoques de peixes nos lagos e rios da Amazônia (BATISTA, 2007, p. 228).

As cobras, como as surus e jiboias, tiveram a mesma sina dos jacarés: a procura por suas peles,

Para atender a vaidade das elegantes do Rio e sobretudo de Buenos Aires, Nova Iorque, Paris e outros grandes centros da moda, transformados os seus couros em sapatos, bolsas, carteiras e cintos, que enriqueceram muita gente, mas mantiveram o homem da Amazônia, destemido e imprevidente caçador de jacarés, na mesma situação de pobreza e abandono, sem nada lhe melhorar a vida sem horizontes (BATISTA, 2007, p. 229).

Nesse cuidadoso estudo deixado por Djalma Batista pode-se perceber a sua preocupação diante da fauna ameaçada. Sirênios, quelônios, répteis, felinos, sobretudo a onça-pintada, usada na fabricação de casacos. Macacos de várias espécies encontraram outro caminho de extermínio: a exportação para os museus e viveiros americanos, saindo legal e ilegalmente (BATISTA, 2007). Outros animais, principalmente mamíferos, por sua pele ou carne, adentraram na lista dos ameaçados de extinção: lontra, ariranha, capivara, veado e

caititu. Entre as aves já existe uma inscrita entre as espécies ameaçadas de extinção: o gavião real. Outro grupo parece que já recebera uma sentença sem volta: o cachorro-do-mato, o tatu-canastra e o tamanduá-bandeira.

Numa atenciosa observação da obra *O complexo da Amazônia* de Djalma Batista (2007), mais especificamente no capítulo II (O Duelo com a Natureza) onde o autor destaca a fauna ameaçada, verifica-se o registro de pelo menos 15 espécies em eminente risco de desaparecerem. Fruto de um levantamento estatístico iniciado nas décadas de 1960 e 1970. Aves, répteis, mamíferos, e peixes materializando a destruição de um ecossistema. Contudo, nesse desequilíbrio catalogado, em nenhum instante cita-se o boto entre as espécies em perigo.

Essa história começa a tomar um novo rumo com a pressão provocada pelo boom da pesca do peixe liso, sobretudo da piracatinga.

Denominada de “urubu do rio” ou “urubu d’água” pelos pescadores da região por alimentar-se de animais mortos, a piracatinga transformou-se em produto de apreciação gastronômica com o pseudônimo de “filé de douradinha”.⁵

Mesmo com o Decreto de 21 de julho de 2014 pelos Ministérios da Pesca e Aquicultura e Meio Ambiente restringindo por cinco anos a pesca da piracatinga, e que desde 1º de janeiro proibiu a retenção, bordo, transbordo, desembarque, armazenamento, transporte, beneficiamento e comercialização dessa espécie de peixe em todo o Brasil, teme-se a vulnerabilidade, ou pouca eficácia da lei, diante dos mecanismos utilizados para burlá-la e, dessa forma, continuar com o crime ambiental em que botos são usados como isca na pesca desse bagre.⁶

O incremento na cadeia da pesca da piracatinga nos últimos anos deve-se a demanda do mercado colombiano, onde o peixe amazônico é bastante apreciado. Justificam-se, assim,

⁵Por alimentar-se da carne de animais mortos, certamente haveria uma grande rejeição nas feiras, mercados, restaurantes etc a esse tipo de peixe. Ao se utilizar a denominação “filé de douradinha” no preparo desse prato, acaba-se por mascarar duas realidades: a de que se está consumindo um peixe de hábitos carnívoros, pouco recomendado por nutricionistas, pois tende a concentrar níveis elevados de metais pesados e outros contaminantes, como o mercúrio; bem como as práticas de manejo para a captura dessa espécie, que utiliza a carne do boto como isca.

⁶Na verdade, nos locais onde inicialmente detectou-se esse crime ambiental (Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, entre os municípios de Tefé, Fonte Boa e Maraã; bem como no município de Tapauá) registra-se, diante das pressões e repercuções geradas, uma maior mortandade de jacarés do que de botos para fins de isca na pesca desse peixe liso. Então, por que a morte indiscriminada dos botos sensibiliza-nos, diferentemente dos jacarés? A resposta pode estar, mais ou menos, na metáfora da floresta e da baleia. As queimadas da Amazônia não têm o impacto emocional de chocar o mundo tanto quanto a morte das baleias arpoadas pelos navios de caça. As baleias são “fofinhas” e os botos, primos dos golfinhos, também. Afinal, são

mamíferos tal como os humanos.

as medidas como a moratória do Ministério do Meio Ambiente proibindo a pesca da piracatinga a fim de proteger botos e jacarés. Independente de que tipo de isca é a mais usada, se boto ou jacaré, o preocupante nesse manejo é o uso predatório de animais silvestres para serem usados como isca.

4. Ele pode virar, literalmente, uma lenda

A piracatinga é um bagre de médio porte. Atinge no máximo 40 cm de comprimento padrão e pode ser encontrado nos rios das bacias do Amazonas e Orinoco. Esse bagre tem importância comercial na Colômbia e Venezuela e mais recentemente no Brasil. Representa boa alternativa econômica para os grandes frigoríficos ao longo do ano, uma vez que a pesca do seu principal produto, os grandes bagres, é sazonal e disponível somente por cerca de seis meses, durante a seca. Essa situação levou a utilização indesejada da carne de boto e de jacaré como isca para a pesca da piracatinga, um bagre omnívoro e de hábitos necrófagos (NUNES et al., 2017, p.14).

A população de botos na Amazônia caiu pela metade nos últimos dez anos de acordo com os estudos do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). De acordo com o estudo, eles estão quase em extinção. A pesquisa baseia-se em dados dos últimos 22 anos (1994 a 2017) obtidos na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Uma relação direta com a pesca e o uso da carne desse animal como isca. A estimativa feita com base nos dados coletados em Mamirauá indica que o declínio da população de botos-tucuxi ocorre mais rapidamente, com a perda da metade da população a cada nove anos. Já o boto-cor-de-rosa perde metade da população a cada dez anos, segundo o estudo.

A pesca do peixe liso pouco a pouco deixa de exercer um papel coadjuvante nas terras de trabalho na medida em que os bagres passam a ter grande força de exportação. Essa atividade influenciada por novas relações capitalistas e caracterizada pela implantação de inúmeros frigoríficos provoca novas territorialidades, mudanças e rupturas dentro do território físico e social amazônico colocando em risco, dia a dia, a sobrevivência desse ser sobrenatural, que:

De repente não se sabe de onde, nem quem é, aparece vestido de branco e entra na sala atraindo olhares. Avança em direção a uma das raparigas e, tirando-a para dançar, saem rodopiando no salão. Meia noite, apressadamente o rapaz deixa a festa e sai quase correndo para fora da casa, em direção ao rio. As moças saem em seu encalço, juntando-se ao grupo vários homens, estranhando a atitude do rapaz. Já próximo à água, ouvem o baque surdo de um corpo nas águas do rio. Aproximam-se das margens, e a predileta chora de tristeza por ter perdido seu namorado tão bonito. Um pouco adiante, emerge um fucinho negro, para respirar, e fica emergindo lá no

rio, bem próximo à festa. O grupo recua com medo, e os comentários, agora, giram sobre a namorada do BOTO (BEZERRA, 1985, p. 62).

Personagem do folclore brasileiro, o boto, pai dos filhos sem pai da Amazônia, agora, corre o risco de virar, literalmente, uma lenda.

Referências

- BATISTA, Djalma. O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento. Manaus: EDUA, 2007.
- BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010: características gerais da população. <http://www.ibge.gov.br>, 2017. (acesso em: 30/09/2017).
- BEZERRA, Ararê Marocos. Amazônia, Lendas e Mitos. Belém, TELEPARÁ – e Centro Cultural de Arte e Folclore da Amazônia – CECAFAM, 1985.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é folclore. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 9^a ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1972.
- GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens. São Paulo: Nacional, 1955.
- HARRIS, Mark. Presente Ambivalente: Uma Maneira Amazônica de Estar no Tempo In: Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade. São Paulo: Annablume, 2006, (81-108).
- LAJOLO, Marisa. O que é literatura. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.
- McGRATH, David. et al. Varzeiros, Geleiros e o Manejo dos recursos naturais na Várzea do baixo amazonas. In: cadernos do NAEA da UFPA, nº 11, 1993 (91-122).
- MEGALE, Nilza. Folclore brasileiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- NUNES, Angélica. et.al. Guia de identificação das principais espécies de peixes comercializados como “douradinha”. Manaus: Editora INPA, 2017.
- PIZARRO, Ana. Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- POPULAÇÃO de botos cai pela metade em 10 anos. Jornal Diário do Amazonas. 06/05/2018.
- REIS, José Ribamar Sousa dos. Amostra do populário maranhense: lendas, crenças e outras histórias da tradição oral. São Luís, MA: [s.n.], 2008. 163 p.